

Recessão será estratégia do Governo até dezembro

CORREIO BRAZILIENSE

JOCIMAR NASTARI
Da Agência Estado

O Governo já definiu sua estratégia para estabilizar e depois reduzir a inflação neste segundo semestre: continuará executando de forma apertada as políticas monetária e fiscal e tentará evitar, ao máximo, a indexação dos salários. Para o secretário executivo do Ministério da Economia, Eduardo Teixeira, a adoção desta receita simples será suficiente para garantir a manutenção de um quadro de forte desaquecimento da demanda, até o final do ano.

Teixeira evita empregar o termo recessão para definir o que o Governo deseja, mas frisa que o desaquecimento do ritmo da atividade econômica é fundamental para a obtenção da estabilização. "Ninguém sai de um quadro hiperinflacionário procurando aquecer a demanda", observa.

O secretário não quer fazer previsões sobre os índices inflacionários dos próximos meses e nem do ritmo de queda. No entanto, garante que a expectativa de redução contagia toda a área econômica do Governo. Teixeira justifica seu otimismo pelos dados em relação à diminuição da demanda levantados pelo Governo, como quedas significativas nas vendas do comércio e retração do preço de atacado da carne bovina de primeira, em plena entressafra.

O grupo de assessores mais diretos da ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, estima que o desaquecimento da demanda deverá manter-se até o final do ano se os salários não forem indexados e as empresas não promoverem aumentos especulativos de seus preços", uma diminuição de apenas seis meses na atividade econômica é um custo social muito pequeno que a sociedade pagará pela estabilização", estima o secretário executivo.

CRESCIMENTO

Para Teixeira, a retração de 1990 será substituída pela re-

ARQUIVO



Teixeira diz que o Governo evitará ao máximo indexar salários

tomada do crescimento econômico a partir de 1991. O Governo ainda não previu de quanto poderá ser este crescimento, mas o secretário diz que deverá ser necessariamente moderado.

O secretário executivo não teme que a recente liberação de preços — que incluiu itens da tabela da Sunab até automóveis — contribua para uma explosão da inflação. Observa que isto não deve ocorrer, porque a oferta está boa e a demanda desaquecida. Teixeira frisou que, além disso, a implantação de uma economia de mercado é ponto básico do programa de governo do presidente Fernando Collor.

O equilíbrio entre oferta e procura deverá ser acompanhado gradativamente, por mais competitividade na economia, prevê Teixeira, referindo-se à nova política industrial anunciada há duas semanas. Disse que o Governo tem consciência de que a abertura do parque industrial brasileiro à competição externa — pela via da redução gradual das alíquotas do imposto de importação — se efetivará a médio e longo prazos. Mas observou que as indústrias nacionais passaram a viver com uma concorrência

potencial. "O empresariado nacional, já vislumbra no horizonte a abertura da economia brasileira. Por isso terá que ajustar seus custos e melhorar a produtividade desde já", explica o secretário executivo. O final das barreiras às importações também trará como resultado o aumento imediato da competição nos setores têxtil e automobilístico, prevê Teixeira.

O inevitável aumento das importações ao longo deste segundo semestre terá como respaldo uma folgada situação de reservas cambiais, segundo Teixeira. Dados do Banco Central projetam que os níveis das reservas em moedas fortes do Brasil deverão rondar os nove bilhões de dólares no começo de agosto.

O secretário avisa que o Governo está tranquilo até em relação ao temido choque agrícola — redução da safra de grãos deste ano para 61 bilhões de toneladas contra 71 bilhões no ano passado. Para Teixeira, a safra foi toda colhida e comercializada em boa parte e as pressões de altas de preços que provocou já foram absorvidas pelos índices que medem a inflação. O Governo estima que a safra terá um impacto residual sobre a inflação de agora em diante.